

5 Conclusão

Ao escrever a conclusão deste trabalho é necessário afirmar que esta dissertação é um estudo ainda em aberto. Não é o final, é apenas o início, o ponto de partida de um aprofundamento sistemático sobre um autor contemporâneo a nós. Isto trás a esta dissertação um tom de ousadia e desafio. Este torna-se um trabalho desbravador pois trazer este autor, um homem de experiência de fé e que não pode ser compreendido senão em relação com o movimento eclesial (CL) que surgiu desta experiência para a academia é como que trazer um nova 'estrada' para percorrermos em busca de novas perguntas à respostas que já conhecemos e professamos.

O seu carisma, ou seja, sua intuição teológica, fruto não de um cálculo, nem de uma idéia, mas de uma atenta observação da realidade, de uma experiência existencial que brota da graça divina se impõe sobre capacidade reflexiva, que claro, a partir desta 'experiência' trás com uma genialidade, para a Igreja do século XX uma grandiosa contribuição.

Pe. Luigi Giussani viveu num período em que a Igreja se encontrava num efervescente momento de renovação, de transformações, de um início de diálogo com o mundo. Sobre tudo na teologia, que começava a entrar em contato com as diferentes faces da modernidade, redescobrimo às suas fontes, seja na Patrística, na Sagrada Escritura, na reflexão sobre o significado da cultura, e no diálogo inter-religioso. Cabe lembrar que desde o final do século XVIII, com o iluminismo, parecia-nos que a Igreja fechara-se dentro de si mesma.

Se pudéssemos resumir numa única palavra a proposta levantada aqui neste trabalho por nosso autor, a primeira palavra seria a palavra 'encontro'. Cristo ao encontrar com o homem dá a ele o seu sentido mais pleno, sua total capacidade de realização. Toda a vida de Pe. Giussani foi marcada por 'encontros': encontro com Cristo em sua casa, com seus professores e amigos no seminário, encontros com grandes homens que contribuíram com o Espírito para a transformação da Igreja, encontro com os Papas de seu tempo: João XXIII, Paulo VI e João Paulo II.

O 'encontro' com Cristo, o realizou plenamente, desabrochou nele uma 'humanidade atrativa' que arrastou jovens estudantes e milhares de pessoas por várias partes do mundo. Por isso ele não pode ser compreendido sem a sua experiência e o que dela emergiu. E o que dela emergiu não foi fruto de um cálculo e sim de uma graça. Mostramos isso no decorrer desse trabalho, principalmente nos dois primeiros capítulos.

Essa trama de encontros foi uma graça de Deus e graça correspondida. Nasceu desde a experiência de sua origem, na sua e casa, onde por influência dos pais, onde cresceu dentro de um ambiente educativo: profundamente religioso e cultural. Afirmou o Cardeal Joseph Ratzinger no funeral de Giussani:

"Pe. Giussani cresceu em uma casa – como ele diz – pobre de pão, mas rica de música; e assim desde o início, foi tocado, aliás, ferido, pelo desejo de beleza e não se contentava na beleza qualquer, com uma beleza banal: procurava a própria Beleza, a Beleza infinita, e desse modo encontrou Cristo, em Cristo a verdadeira beleza, o caminho da vida, a verdadeira alegria (...) soube superar a unilateralidade, mas a substância permaneceu sempre nele, de que somente Cristo dá sentido a tudo na nossa vida. Manteve sempre o olhar fixo de sua vida e do seu coração voltado para Cristo. Deste modo não entendeu que o cristianismo não é um sistema intelectual, um pacote de dogmas, um moralismo, mas que o cristianismo é um encontro, uma história de amor, um acontecimento".⁴²³

Ali, fora germinada sua experiência, como também fora semeada no Seminário de Venegono: o 'encontro' com o Cardeal Schuster, místico, pastor com fama de santidade que o fez amar a liturgia, sobretudo a 'Ambrosiana' e de grande amor à Igreja. Seu 'encontro' com os grandes mestres daquela instituição religiosa: homens de fé e coragem, de grande importância para a redescoberta do 'Tomismo' na sua essência, dentro também de uma nova leitura, menos 'escolástica' e mais atual.

Estes aguçaram e desenvolveram seu gosto pela Beleza, pela Verdade e pela Justiça, assim como o colocaram em contato com os grandes filósofos, teólogos, poetas (Leopardi, Pavese...), músicos; e ainda o seu encontro com outros jovens seminaristas, criando uma comunidade chamada de 'Studium Christi', cujo programa consistiu e não falar de outra coisa que fosse Cristo, porque para ele 'tudo mais parecia perda de

⁴²³Cf. In **Passos**, nº. 59, 2005, p. 8.

tempo'.⁴²⁴ Já víamos aí o encontro com a centralidade de Cristo crescendo no seu coração e culminando numa tese doutoral que em plena década de cinquenta refletia sobre os teólogos protestantes americanos liberais, sobretudo Niebuhr e Tillich, que manifestavam e evidenciavam o encontro de Cristo com a cultura e a sua centralidade como proposta que realiza a humanidade, que recupera o nexo do cristianismo com a religiosidade na modernidade.

Seus outros dois grandes encontros foram com um grupinho de jovens num trem para Rimini que o levou a deixar a carreira de 'teólogo profissional' e lecionar no Liceu Berchet para alunos do ensino médio, onde ali começou uma experiência de abordagem e anúncio de Cristo com uma originalidade que logo contagiaria vários jovens não só daquela escola, mas de toda a Itália. Era a JE, que começou a perceber através do nosso autor, que Cristo tem a ver com a vida toda, não está relegado às sacristias das igrejas ou as pomposas cerimônias litúrgicas: tem a ver com tudo: as artes (música, pintura, cinema, teatro, com a literatura...). Enfim, com todos os âmbitos da nossa vida.

O 'encontro' com a chamada 'Nova Teologia', principalmente no contato com Henri De Lubac, Romano Guardini e Hans Urs von Balthasar com quem ele possuiu uma identificação profunda, empenhou-o ainda mais a vivência de um amor ainda mais profundo à Cristo (centro da nossa vida) e a Igreja, levando-o também e aos seus alunos e amigos a um interesse profundo ao retorno às fontes do cristianismo primitivo (patrística), tomismo, filosofia, nas artes e literatura. Esse interesse global às fontes foi uma experiência marcante que levou a renovação para as universidades e escolas, não confinando-as aos Seminários e Institutos Teológicos. Essa experiência de um cristianismo centrado em Cristo, que olhava para o verdadeiro centro da Igreja foi uma experiência marcante que moldou não apenas sua experiência de fé, mas deu a militância católica um sentido mais existencial sabendo assim enfrentar as tempestades de 'ideologias' da década de 60', onde muitos sucumbiram. Ele ali permaneceu fiel e como um ponto de presença e referência para a

⁴²⁴Cf. Ibid, ibidem.

Igreja. Nosso autor vive intensa e dramaticamente a crise de 1968, e permanecendo fiel às suas convicções começa a sistematizar a partir daí, toda essa sua 'experiência de fé', para que ninguém se perca ou sucumba frente às "tentações" ideológicas daquele momento, buscando apresentar para aqueles que estavam ao seu lado uma fidelidade ao carisma por ele encontrado. A partir daí, sua obra sabe unir perfeitamente Cristo e a Igreja. Afirmou João Paulo II:

"Cristo e a Igreja: aqui está síntese de sua vida e de seu apostolado. Sem jamais separá-los, comunicou ao seu redor um verdadeiro amor pelo Senhor. (...) Defensor da razão humana, foi um profundo conhecedor da literatura, da música e um convicto valorizador das artes. Seguido pelos membros do Movimento por ele fundado, difundido hoje em tantos países do mundo, escutado com respeito até mesmo por pessoas de diferentes confissões de fé e de diversas responsabilidades profissionais, amo recordá-lo como mestre de humanidade e defensor da religiosidade inscrita no coração do ser humano".⁴²⁵

Outro encontro significativo neste trabalho, foi com a 'Teologia Ortodoxa Russa', que o levou a descobrir na cultura religiosa oriental, a centralidade de Cristo como um ponto concordante entre oriente e ocidente. A grande experiência da mística contemplativa e seus pontos de identificação com o cristianismo vivido no ocidente.

Assim, entramos no terceiro capítulo do trabalho. O senso religioso é o ponto de partida que apresenta as exigências no coração humano, o significado a cerca do sentido da vida. A trajetória da resposta a esta pergunta até a grande reviravolta do método do senso religioso, ou seja, Deus vem até nós, assume a condição humana em Cristo: é o acontecimento que marca a história humana, não a destrói, mas a respeita, aprofunda-a e a plenifica. Não apenas redime a dignidade humana decaída pelo pecado, mas revela Deus plenamente e o seu amor para conosco: somos "imagem e semelhança" de Deus. Podemos ir ao seu Encontro definitivamente. Essa é a pretensão cristã! 'O Verbo se fez carne e habita entre nós' (Jo. 1, 14). Os mistérios centrais desse encontro que se faz acontecimento: Encarnação, Paixão, Morte e Ressurreição. Revelam verdadeiramente o homem ao próprio homem (GS 22). No encontro com o magistério de João Paulo II ele viu que o carisma a ele

⁴²⁵ João Paulo II, "*Carta lida durante o funeral de Pe. Luigi Giussani ...*", op., cit., p. 7.

dado por Deus dialogava não apenas com Vaticano II, mas também ir de encontro com o pensamento deste Papa que afirmou que Cristo é "o Redentor do homem, é o centro do Cosmo e da história".⁴²⁶

Mas não basta apenas anunciar o fato cristão no seu conteúdo teórico, é necessário para a realização de nossa humanidade um 'relacionamento', uma 'vida', dentro do pertencer da Igreja, âmbito em que se verifica a nossa liberdade, diante da vontade e da afeição da pessoa de Cristo ao Pai (aquele que o constituiu Filho). Naquilo em que ele afirmou em sua obra: *'Na origem da pretensão Cristã'*, que o método de Cristo parte: "do maravilhamento à convicção", percebemos um percurso de afeição e de significado de nossa existência, tendo Jesus Cristo como o grande referencial. Ele não se apresenta como 2ª. Pessoa da Santíssima Trindade, mas leva os apóstolos e os simples de coração a uma experiência de fé que brota do 'maravilhamento de uma humanidade existencial e integral, cheia de verdade e de vida até uma declaração explícita de sua missão e suas conseqüências'. Isso pode ter uma grande relevância no método de abordagem diante de nossas realidades eclesiais. Esse "método" de Cristo, é o método do carisma, seguido por Giussani. E afirmamos que é possível viver assim hoje entre nós na sociedade humana pós-moderna, graças ao seu 'sim' e a sua experiência eclesial. O Movimento Eclesial Comunhão e Libertação, um dos mais relevantes movimentos eclesiais desses últimos anos e que muito contribui para o diálogo entre a ortodoxia e a orto-práxis é o sinal mais claro de que tudo o que aqui foi dito e proposto pelo autor é possível. Não se pode negar que pessoas que vivem em mais de setenta países e vivem esta proposta não são capazes de responder a afirmação temática do trabalho.

Este 'encontro', proposto pelo autor, é experiência salvífica e, não uma reflexão especulativa de cunho meramente acadêmico. Exatamente por isso não pode deixar de ser vivida hoje, nem sistematizada e apresentada na academia. Essa linha de pensamento, ainda a ser mais desenvolvida em outros trabalhos e aprofundada numa tese doutoral, pode contribuir com pistas concretas para uma realidade pastoral plural

⁴²⁶ João Paulo II, *"Redemptor Homini"*, nº. 1 op., cit. Apud in: **Passos**, op., cit., p.21.

que hoje estamos inseridos, principalmente diante de tamanha fragmentação, contradições, injustiças e exclusões. Este trabalho é atual para nossa realidade latino-americana, toca o cerne dos problemas do homem, podendo ser ‘fermento’ até para uma nova sociedade, mais justa e fraterna, por isso colocamos um quarto capítulo. Cristo é a “pedra angular”, para uma sociedade nova, seja ela “Ad intra” ou “Ad extra” Igreja.

Esta dissertação, portanto, além de trazer a pertinência deste autor e de sua proposta: ‘Jesus Cristo realiza plenamente a vida humana’, mostra sim, ao homem de hoje e de sempre, o seu significado, a sua originalidade, dentro da sua história, redimensionando também nossa realidade acadêmica a mais um ‘paradigma’ a seguirmos em nossa reflexão da fé. A restauração da nossa dignidade dentro de uma lógica de comunhão, proposta, sobretudo com o compromisso com pregação do reino de Deus vai despertar a verdadeira ‘libertação’ integrada com as exigências do nosso coração, levando-nos a fazer uma experiência salvífica, autêntica, nas sociedades e nas nossas multiplicidades culturais. A verdadeira cristologia de ‘libertação’ é, antes de tudo, uma cristologia de ‘comunhão’